

Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão

Bonete Júlio João Chaha *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-1430-6743>

Resumo: Esta investigação buscou compreender o confronto entre a tradição e a modernidade em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão. A questão que orientou o trabalho consistiu em saber em que medida as diferenças culturais constituem fator de conflito entre os povos. Assim, a técnica de recolha de dados foi a pesquisa bibliográfica. O tratamento dos dados foi feito na base da análise de conteúdo e de discurso, o que revela que a literatura desempenha um papel muito importante, não só do ponto de vista artístico, mas também do ponto de vista cultural. Podemos olhar para ela como um “meio” que nos permite conhecer o mundo. A literatura é também o mote para a construção e a confirmação da história de um povo ou uma nação, pois é a partir desta que se podem narrar fatos inerentes ao percurso dos povos através de mitos, lendas, contos, desde a sua origem até os dias de hoje, contribuindo, assim, para uma autenticidade ou mesmo para uma identidade nacional.

Palavras-chave: Confronto; Tradição; Modernidade; Globalização.

Abstract: This investigation aimed to understand the confrontation between tradition and modernity in *Loving on a bed of preconception*, by Isabel Ferrão. The subject that guided the work consisted of knowing in what measured the cultural differences constitute conflict factor between peoples. So, the technique of data collection was the bibliographical research. The treatment of the data was made in the base of the content analysis and of speech, which reveals that the literature plays a very important part, not only of the artistic point of view, but also of the cultural point of view. We can look at it as a “means” that allows us to know the world. The literature is also the motto for the construction and confirmation of the history of a people or a nation, because it is starting from this that one can narrate inherent facts to the course of the people through myths, legends, stories, and other, from its origin to the present days, contributing, so, for an authenticity or even for a national identity.

Keywords: Confrontation; Tradition; Modernity; Globalization.

1. Introdução

Moçambique, a sua capital Maputo, é um país situado no sudeste do continente africano, banhado pelo oceano Índico a leste e que faz fronteira com a Tanzânia ao norte; Malawi e Zâmbia a noroeste; Zimbabué a oeste e África do Sul a sudoeste. Os primeiros povos que habitaram em Moçambique eram bosquímanos, caçadores e recolectores e, gradualmente seguiram ondas migratórias de povos de línguas *bantu* oriundos de regiões do oeste e do norte de África através do vale do rio Zambeze. Etnicamente, os macuas são o grupo maioritário na região norte do país, os sena e shonas são proeminentes no vale do Zambeze e os tsongas na região sul do país, e culturalmente, a arte

* Instituto Médio Politécnico de Moçambique, Universidade Licungo

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... moçambicana reflete e sempre reflectiu a opressão colonial e tornou-se símbolo da resistência.

Aquando da estadia dos colonizadores em África, particularmente, em Moçambique, tal como nos conta a História, houve partilha de hábitos e costumes dos povos europeus e africanos, sendo, para este estudo, o caso específico de Portugal (colonizador) e Moçambique (colonizado), fato que, desde a permanência deste povo colonizador no território africano, se foi dando com alguma resistência por parte dos nativos no âmbito cultural, tendo sido marcado pela contradição no que se refere a hábitos. Nesta contradição, o africano é a vítima, tendo a sua identidade em causa.

Já há séculos que o maior desafio que os homens têm para manter uma convivência harmoniosa é superar a intolerância. Eles devem aprender a olhar para a diferença como algo normal e saber lidar com ela. As culturas não estão isentas a essa intolerância (arma de destruição perigosa), que deve merecer a atenção de todas as forças vivas da sociedade. Em face a esta realidade, prontificamo-nos a levantar uma pesquisa com o tema Choque de civilizações: Tradição vs. Modernidade em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão, tendo a seguinte questão orientadora: *Em que medida as diferenças culturais constituem factor de conflito entre os povos?*

Os confrontos envolvendo culturas diferentes têm sido um assunto que tem merecido atenção de antropólogos, sociólogos e muitos outros teóricos nos últimos séculos. Pode a afirmação ser ancorada pela criação de cursos nas universidades africanas, particularmente moçambicanas, que abordam sobre a cultura africana, como Antropologia e Sociologia, a realização de simpósios e seminários que versam sobre a cultura, entre outras. É uma questão que preocupa a todos os homens, à medida que tais embates não abrem espaço para uma saudável convivência entre as pessoas, independentemente das suas origens étnicas.

Moçambique foi e continua a ser palco desses conflitos entre a tradição e a modernidade que, com o decorrer do tempo, foram deixando marcas profundas nas comunidades moçambicanas. A escolha do tema encontra a sua justificação na importância que a questão de identidade cultural tem na sociedade. Na perspectiva individual, o estudo da dissensão entre as civilizações ocorrida em Moçambique vai reforçar o aprofundamento de conhecimento sobre as culturas locais e o que fazer para a sua preservação.

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para o enriquecimento dessa área do saber, ao deixar pontos focais relativos à forma de como se manifesta a modernidade e à

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... de como se procede a tradição, estabelecendo um paralelismo entre as duas civilizações que se chocam pelas divergências existentes entre elas. Tendo como suporte estes fatores, outros pesquisadores que se interessarem em estudar um assunto similar procederão com propriedade. Por outro lado, o estudo encontra a sua importância social, por abordar aspectos tradicionais que perfazem a cultura moçambicana. Deste modo, permitirá que grosso número de jovens nascidos na era pós-independência conheça e preserve a nossa tradição.

2. Tradição vs Modernidade: de confrontos culturais à emergência de uma identidade cultural híbrida

Como fizemos alusão na introdução ao presente artigo, Moçambique foi, no seu percurso histórico, forçado a um convívio multicultural que começa com a presença dos árabes na penetração mercantil, passando pelo encontro de dominação colonial e que se estende até aos dias de hoje. Nesse contexto, conforme Condorcet (1847, cit. em SANTOS, 2016, p. 56), “o homem comum recebe dos outros suas opiniões, suas paixões, seu carácter, ele retém tudo das leis, dos preconceitos, dos costumes de seu país, como planta recebe tudo do solo que a nutre e do ar que a rodeia”.

Portanto, estas são leis e costumes que a juventude de hoje, ainda que seja em menor número, nas comunidades mais reservadas em Moçambique, tende a preservar. Na região dos Kalizenis, por exemplo, de acordo com Ferrão (2014), em *Amar sobre um leito de preconceito*, “tais princípios regulam os matrimônios, as cerimônias fúnebres, de educação das crianças, adolescentes e jovens, sobretudo, no saber ser e estar sociedade”. Entretanto, Rodrigues (1997, p.4) explica:

O termo tradição vem do latim *traditio*, do verbo *trans-dare*, dar completamente, de um lado ao outro. É o prefixo *trans*, que aparece igualmente em transparecer, transmitir, tramitar, transferir, transvazar, que lhe confere o sentido de totalidade. *Traditio* tinha para os latinos um duplo sentido que viria a especificar-se nas línguas latinas modernas com a invenção de dois termos distintos: “tradição” e “traição”. *Traditio* é assim, em latim, a doação, a entrega, a transmissão completa, de um lado ao outro, tanto do saber do mestre aos seus discípulos como de uma pessoa ou de um sentimento.

Analisada neste prisma, percebemos que a tradição é tudo o que se manifesta de forma repetitiva. Este entendimento é compartilhado por Condorcet (1847, cit. em SANTOS, 2016, p. 56) quando destaca os valores morais, as leis, o carácter entre outras manifestações sociais e individuais que se repetem de geração em geração. E Ferrão, em *Amar sobre um leito de preconceito*, destaca o “Magoda-goda”, sessão de

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... aconselhamento à noiva, nas vésperas de casamento, que é transmitida a Ndawa (neta) pela avó Racina, mantendo o vínculo com os ancestrais.

No concernente à modernidade, segundo Giddens (1991, cit. em CAMILLETI, 2007, p. 30), esta “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Giddens (2007) ainda acrescenta que “modernidade vem em contraposição às tradições. Modernidade propõe uma invenção ou reinvenção das tradições”. Segundo o autor, os modos tradicionais de vida vêm-se transformando.

A partir deste ponto de vista de Giddens (2007), entendemos a modernidade como sendo o processo que pretende substituir a tradição, fazendo com que tudo o que é tradicional passe a ter características e formas europeias. Nesta assimilação de traços europeus, a cultura africana, neste caso, a moçambicana, vê-se na necessidade de se metamorfosear. Mindoso (2017, p. 36), na sua reflexão intitulada *Os assimilados de Moçambique: Da situação colonial a experiência colonialista*, cita Cabral (1980) e concorda com esta ideia, ao associar a colonização europeia com a estratégia de alienação cultural em África, pois o processo de assimilação criava um grupo de pequena burguesia que se posicionava, de certa forma, como europeus colonizadores, facto que levava a estes africanos a rejeitarem a sua cultura.

Quando falamos de cultura, segundo a caracterização da UNESCO (s/d, cit. em PEDRO & SIQUISSE (s/d, p. 59), referimo-nos a “um conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social”. Desse conjunto, Ferrão (2004), em *Amar sobre um leito de preconceito*, fala de “Magoda-goda”, “mphete-na-phasá”, “kudjeresá muzimu” entre outras. Essas práticas tradicionais de carácter espiritual são distintivas para os povos da zona centro de Moçambique, com particularidade para a província de Tete e as regiões circunvizinhas do vale do Zambeze. Ela abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as tradições e as crenças.

Entendendo a modernidade pela forma como Giddens a define, fica-nos ainda a percepção de que o fator dominação, não só social, como também cultural, é um dos que origina conflitos entre as duas culturas, a partir do momento em que esta dominação ocorre sob imposição. Uma vez que a modernidade pretende instalar uma forma única de ser e estar dos povos de todo o mundo, temos, em contraposição, um africano decidido e comprometido a preservar a sua essência, que passa necessariamente pela honra aos seus antepassados, prática de certos rituais de reconhecimento aos seus ancestrais,

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... entre outros compromissos baseados em crenças. Este fundamento vem apresentado na concepção de Rodrigues (1996), onde se lê:

O facto de, como vimos, as modalidades tradicional e moderna da experiência se reflectirem mutuamente, de coexistirem no seio de uma mesma sociedade e numa mesma época, põe o problema das relações que estabelecem entre si. Pelo facto de a modernidade se definir como ruptura. A tradição representa a única fonte possível de sentido (p. 308).

A problemática das relações entre a tradição e a modernidade estende-se até aos dias de hoje, como dissemos anteriormente, se olharmos para as críticas sociais que se fazem contra a forma de ser e estar atualmente comparada com o antigamente.

As comunidades mais reservadas, por exemplo, condenam certas formas de vestir por parte dos mais novos, por exemplo, as saias curtas, calças apertadas para as mulheres, enquanto estes rejeitam as formas antigas, alegando estarem ultrapassadas. Este choque prova que o conflito de coexistência entre a tradição e a modernidade não é só um assunto da época colonial, razão que leva os teóricos a intensificarem estudos de consciencialização das pessoas. A vontade de dominar por completo o outro ganha mais ímpeto e, na cultura moçambicana, não sucedeu o diferente, segundo a afirmação de Silva (2011):

Durante a colonização muitos rituais foram suprimidos por influência das políticas repressoras, mas a insistência nas tradições tornou esses rituais num fenómeno cultural sólido no meio rural. Esta resistência cultural contribuiu para a preservação das tradições, entre as quais os rituais iniciáticos a que os jovens se submetem para acederem ao estatuto de adultos. A vivência desses rituais constitui um mecanismo com o qual a comunidade molda o comportamento dos mais novos (pp. 8-9).

A Modernidade é, conforme as abordagens dos autores acima, uma das estratégias incessantes do europeu instalar sua hegemonia a vários níveis. Pois, mais do que ter um poder sobre os territórios almejados, convencendo o africano a pensar e agir como um homem completamente moderno, ele faria com que a cultura europeia se alastrasse para os demais lugares de África, e aí estará conquistada a hegemonia cultural por parte do europeu no continente.

2.1 O tradicionalismo como fator de identificação do povo africano

No que concerne ao tradicionalismo, Giddens (2000, p.45), no seu livro intitulado *O mundo na era da globalização*, escreve:

Quando os escoceses se reúnem para celebrar a sua identidade nacional, fazem-no de formas ancoradas na tradição. Os homens

vestem o kilt¹, cada clã usa tartan com as suas próprias cores e as cerimónias são acompanhadas pelas músicas das gaitas-de-fala. Através destes símbolos demonstram-se que mantêm fieis aos rituais de Antanho, cujas origens são antiquíssimas.

Tanto o kilt como o tartan, nas celebrações acompanhadas pelas músicas das gaitas-de-fala, identificam os escoceses, além da crença para com os antepassados, o animismo, as cerimónias tradicionais, entre outras práticas de culto ao ancestral, que também identificam aos moçambicanos, fato este que levou o autor Tarouco (2010, p. 5) a escrever que “a realidade africana pode ser mais bem compreendida através do viés animista, pois nada mais é do que a convivência harmoniosa do mundo dos vivos com o mundo dos mortos e dos tempos passado, presente e futuro”.

Quando se fala de identidades, muitos teóricos são unânimes em defini-la como marcas ou elementos que caracterizam alguma coisa. Assim sustenta o Professor Siqueira (2000, p. 114), na sua obra intitulada *Antropologia: Uma introdução*, “quando falamos em identidade, estamos falando de alguma regra ou norma que permite a um indivíduo, conscientemente, se incluir ou excluir de um grupo social (nação, profissão, religião, classe social, local de moradia, etnia, cor, gênero, etc.).” Segundo esta linha de pensamento, com base no conjunto de elementos ou paisagens culturais que lhe é apresentado pela sociedade e cultura, o sujeito pode conhecer-se ou ser conhecido. Se, por exemplo, é regra de uma determinada sociedade que uma criança logo que atingir a adolescência passe por ritos de iniciação, essa regra, conforme os dizeres do Professor Siqueira (2000), é, para a criança, uma das identidades.

Quando, por qualquer razão, se impede a um povo de realizar culto aos antepassados, quando se obriga a um povo a deixar de falar a sua língua e passar a usar a de um outro povo, está a matar-se a identidade deste povo, que aos poucos vai perdendo a sua essência, assim como diz Ferrão (2004), no capítulo *Ndawa apátrida*, e sem identidade o povo perde ainda certos direitos, como pessoas dentro da comunidade. A este respeito, Giddens (2007, p.54) entende que:

À medida que o papel da tradição muda, novas dinâmicas são introduzidas na vida social, constituindo por um lado, um empurra e puxa de acção e compulsividade, e, por outro, uma troca entre cosmopolitismo e fundamentalismo. Essas trocas, ao mesmo tempo em que mudam as estruturas mundiais, interferem na identidade do cidadão que se encontra no cerne da luta entre dependência e autonomia e entre fundamentalismo e cosmopolitismo, característica da actual globalização.

¹ Saiote pregueado, liso na frente e trespassado dos lados, em tecido de lã com desenho de xadrez, com comprimento da cintura aos joelhos, que é parte do traje tradicional escocês do sexo masculino.

Portanto, as asserções dos autores acima mencionados levam-nos a acreditar que a identidade de um povo corresponde a seus hábitos e costumes, e isso passa pela valorização das suas práticas culturais, considerando, assim, o tradicionalismo, pois, como nos referimos anteriormente, o abandono dessas práticas tradicionais implica a perda de identidade do mesmo povo.

3. Modernidade e globalização: fenómenos universalizantes ou estratégias de dominação cultural em África?

Nas correntes de opinião mais apresentadas nos dias actuais com relação à questão da modernidade em África, tem-se ouvido e lido várias teorias que advogam este fenómeno como tendo emergido e se mundializado com um intuito de tornar as sociedades mais igualitárias e que caminhem no mesmo nível de desenvolvimento. Tal é o fato elucidado por Domingues (1998, p.3), no excerto seguinte:

A modernidade contemporaneamente pode ser caracterizada a partir de três tendências-mestra. Em primeiro lugar, é preciso destacar o desenvolvimento das tradições institucionais da própria; Estado racional-legal, economia capitalista, família nuclear, individualismo, racionalização instrumental e, em parte, “comunicativa”, diferenciação de esferas de valor, ideologias que concretizam os valores da liberdade e igualdade formais do liberalismo e as doutrinas que em parte o combateram, como o Romantismo, e/ou o tem sucedido, como certas formas de socialismo.

Domingues é, nesta linha de pensamento, apologista aos que olham para a modernidade como fenómeno que impulsiona o desenvolvimento a nível económico-social baseado na igualdade de direitos para todos na sociedade. Para suscitar outras reflexões a partir desta ideia, cita-se Guattari (1987, cit. em MITJAVILLA & DE JESUS, 2004) ao dizer que “a modernidade produziu o surgimento de um duplo processo: de um lado, homogeneização universalizadora e reducionista da subjectividade, e, do outro, fragmentação ou quebra das territorialidades humanas tradicionais” (p. 70).

Como forma de entendermos o significado da modernização nas sociedades africanas, recordamos a afirmação de Silva (2011): “durante a colonização muitos rituais foram suprimidos por influência das políticas repressoras, mas, a insistência nas tradições tornou esses rituais num fenómeno cultural sólido no meio rural” (p. 8). Partindo desta perspectiva, percebemos a modernidade como sendo uma das ferramentas através da qual o europeu se socorre para materializar os seus interesses, mas, desta forma, ainda que uniformize as sociedades, distancia-se em parte, do interesse primordial de tornar as comunidades homogêneas. Em África, precisamente em Moçambique, verificou-se a quebra das territorialidades tradicionais.

Nesse contexto, Hall (2004) explica que “as pessoas que moram em aldeias pequenas, em países pobres, [...] podem receber na privacidade de suas casas as mensagens e imagens de culturas ricas [...] do ocidente através do aparelho de TV ou radio” (p. 74). Já agora, como é que se define a globalização? No entender de Donelly (2007a, cit. em SILVA, 2010, p.20):

A globalização é geralmente entendida literariamente com significado de criação de estruturas e processos que abrange todo o globo. Pessoas, produtos e ideias incrivelmente mudam e se interagem com outras fronteiras que não são do território nacional. Política, mercados e cultura tornam-se transnacionais mesmo globais em vez de nacionais.

Tendo como suporte este pressuposto, a globalização é um fenômeno facilitador na interação de todo o globo terrestre. Interação que abrange o escopo social, comercial, cultural e mais. Nesse sentido, Hall (2004, p.75) entende que:

Ainda, quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas, desalojadas de tempos, lugares, história e tradições específicas parecem flutuar livremente.

Dessa forma, para o caso do nosso país, vai ser a cultura europeia dominando a africana. A globalização, a todos os níveis em Moçambique, não pode ser dissociada do processo de colonização. Pois, segundo literaturas:

[...] Começa no século XVI com a primeira expansão europeia possibilita a ligação de todo o mundo num mesmo sistema. Tem algum impacto sobre a cultura, condicionando a sua dinamicidade [...] com a globalização surgem às vezes processos de hegemonia cultural, que consiste na adopção ou na dominação, por motivos históricos, dinâmicos ou posicionais, de traços de uma outra cultura. Contudo, emergem processos de estratificação cultural, que indicam não necessariamente uma condição de inferioridade cultural, mas uma falta de autonomia completa (BERNARDI, 1974, cit. em PEDRO & SIQUISSE, s/d, p. 79).

O conceito acima referente à globalização vem mostrar-nos que o encontro entre a tradição e a modernidade em Moçambique teve como fator influenciador a expansão europeia, que mais tarde deu lugar à colonização, que se viveu durante 500 anos, tendo culminado em 1975 com a proclamação da independência. Portanto, no fenômeno globalização, há uma espécie de aquisição, em que um povo adquire os traços distintivos de uma outra cultura. Isso acarreta consequências para as culturas que se posicionarem como “fracas”.

Entre a tradição e a modernidade que se aborda em *Amar sobre um leito de preconceito*, a globalização tem um papel dinamizador na propagação da cultura moderna em Moçambique, incorpora-se, no leque da cultura tradicional, uma nova forma de

organização social. Nessa interferência de culturas, surge uma outra questão que muito se debate nos dias que correm: consequências da globalização. Sobre este ponto, recorreremos, primeiro, à abordagem de Friedman (2000, cit. em RIBEIRO & POESCHL, 2013), a qual diz:

[...] a globalização pode ser desorientadora ao fazer perder os pontos de referência: há duas maneiras de fazer uma pessoa sentir-se sem lar, uma é destruir-lhe a casa, e a outra é fazer que a sua casa se torne igual à casa de todas as outras pessoas (p. 55).

Fazendo analogia com consequência da globalização, o autor leva-nos a pensar que existem formas de fazer com que um povo fique sem identidade, e uma delas é fazer com que este povo se iguale ao outro. Com a globalização no país, os moçambicanos tornam-se cada vez mais iguais aos outros povos do mundo, na sua forma de ser e estar. Consequentemente, ao tornar a sua identidade homogênea, Hall (2004) explica:

1. As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”; 2. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; 3. As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades híbridas – estão tomando seu lugar.



Com este encontro intercultural impulsionado pela globalização de que estamos a tratar no presente estudo, chocam-se as culturas. Em unanimidade com esta ideia, Silva (2010, p.21) afirma que:

Globalização tem resultado na intensificação dos conflitos e das violências étnicas e religiosas. Sob este aspecto, claramente, a globalização tem tido um efeito deteriorizante em todo o complexo de direitos humanos, resultando na transformação significativa no comportamento de valores de massas da humanidade através do globo.

Sobre todas as ameaças que a globalização representa nas culturas locais, Giddens (2000) deixa uma recomendação no final da sua abordagem sobre tradição através de palavras de apelo ao comprometimento com os princípios morais que estejam acima das pequenas preocupações e disputas da vida de todos os dias: “Devemos estar preparados para sair em Defesa destes valores sempre que eles estejam mal definidos, ou ameaçados” (p. 56).

Portanto, tanto a modernidade quanto a globalização concorrem para o aparecimento de conflitos culturais, particularmente, nos países de terceiro mundo, conforme as teorias por nós convocadas, e a razão desse conflito é o fator submissão. O

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... maior desafio para as sociedades africanas que se veem ameaçadas por estes fenômenos ocidentais é a preservação de suas culturas para que a sua identidade não esteja em causa.

3. Metodologia

Para o sucesso de um trabalho de qualquer natureza, é importante que, *a priori*, tracemos caminhos que nos levem ao alcance dos objetivos. Para o presente trabalho, recorreremos à técnica de consulta bibliográfica e ao método analítico, em que a técnica de consulta bibliográfica consistiu na leitura de livros e artigos científicos sobre o tema em estudo, o que constituiu a fundamentação teórica do trabalho, e o método analítico permitiu-nos fazer a leitura e a interpretação dos escritos. Mais do que isso, através deste método, analisamos a ocorrência de choques de civilizações na obra *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão.

4. Tradição e modernidade: um confronto cultural e o poder da tolerância em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão

Mais do que retratar das tradições como elementos de identificação de uma sociedade ou povo que nela habita, a obra *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão, atribui ao encontro entre a tradição e a modernidade um papel preponderante na emergência de identidades culturais mistas que se igualam ao resto do mundo, onde o antigo é transformado segundo as exigências do dia-a-dia, como resultado de desenvolvimento a todos os níveis.

Quando se lê *Amar sobre um leito de preconceito*, título convidativo, somos levados a imaginar uma situação de ardente história de amor que se vive num ambiente abarrotado de obstáculos assentados nas superstições de pessoas ao redor. É exatamente isso o que se testemunha nas 177 páginas do livro. Onde Ndawa (jovem do vale de Nsenga) se vê dificultada de usufruir da maior dádiva que é amar com Risto (jovem de origem europeia) por causa da sua raça e cultura. É um encontro em que a diferença ganha expressão originando choques que, no final, são resolvidos por um único remédio, que é amor. Esta metáfora explica os confrontos culturais entre as tradições e modernidade, que, no final de tudo, com ajuda da intolerância, resultam no mundo mais global que vivemos atualmente.

Amor, uma palavra de apenas quatro letras, mas com poder imensurável. Nesta obra, tem o de cegar aos principais envolvidos de suas diferenças raciais e culturais. É

para dar mais azo e vida à narração sobre este puro sentimento que o narrador emprega a antítese nesta situação em que Ndawa sentiu pela primeira vez um batimento do seu coração num tom de amor, no seu frente à frente com o tal príncipe encantado: “Suores e frios tomaram conta de Ndawa, ela tremia por todo o corpo e emudeceu, saiu de seguida correndo, à procura de refúgio em casa de seus pais” (FERRÃO, 2004, p. 64).

A primeira colisão de cultura, na obra, começa com esta prática que existe na cultura da família de Ndawa e na outra não existe. A não existência dela na cultura de um dos cônjuges pode gerar um desconforto entre os dois no seu casamento, visto que cada um dos dois tem uma visão diferente sobre como ser e estar na sociedade. O desconforto no verdadeiro sentido da palavra antevê-se no segundo capítulo intitulado *A vida*. Coincidentemente, Makuve, a mãe de Ndawa, teria passado por mesmo dilema que, futuramente, seria vivido pela filha. As duas, Mãe e filha, mergulharam-se nesse rio turbulento remando contra maré, tudo em nome do amor. Se vivenciar um casamento de pessoas da mesma cor, cultura, religião e região é um desafio muito grande, vivenciar o de linhagem cultural diferente requer coragem e paciência.

Makuve, com a voz de experiência, não desejaria ver a filha mergulhada nesse rio de preconceitos sem saber nadar: “Com a voz tremelicando e desafinada, Makuve perguntava à filha se estava consciente do futuro, das dificuldades que encontraria, enfim, do desafio que era enfrentar um casamento para lá de racial, mas e fundamentalmente, intercultural” (FERRÃO, 2004, p. 22).

A tenacidade e perseverança são fatores essenciais quando se está a lutar por uma causa ladeada de muitas dificuldades. Para os africanos, a tradição na qual o casamento faz parte é a causa de todo o interesse, todos os africanos lutavam e lutam como forma de garantir a sua eternidade. Diante de todas as dificuldades geradas pela globalização ou mundialização, tem-se, nas palavras de Makuve, um apelo a lutarmos com gosto e preservarmos aquilo que nos é importante, senão vejamos o seguinte: “[...] Minha filha! Nenhum casamento é fácil [...] principalmente o vosso com diferença de raça e cultura. O que é preciso é ter coragem de amar, só desse jeito sobreviverão nesse rio [...]. Nesse leito de preconceito” [...] (FERRÃO, 2004, p. 171).

O casamento de Ndawa e Risto simboliza o convívio de culturas africanas com a europeia que tem como lugar de ocorrência, o vale de Nsenga. Lida atentamente a obra, constata-se que o narrador cita propositadamente a ação da igreja católica no casamento de Makuve. O funcionamento desta igreja trazida da Europa no meio de uma sociedade tradicional e, mesmo com a sua existência, o contínuo respeito para com a antiguidade

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... podem ser analisados como a coabitação da tradição e modernidade. O confronto entre esses dicotômicos fenômenos sociais é vivido em todas as esferas sociais, onde, readaptação é a palavra que melhor descreve o ambiente presenciado numa primeira fase, como se pode ler no excerto:

A cerimónia do casamento de Makuve e Calizeni na pequena igreja local decorreu simples e harmoniosamente. O padre fazia um discurso misturado. Sua língua europeia confundia-se. Era uma rara mistura e influência de povos do médio. Nsenga, esse berço de civilização para os *bantu* (FERRÃO, 2004, p. 35).

Um dos fatores que separa as famílias na sociedade multicultural é a estratificação com tendências para raça e o nível social. Isabel Ferrão olha para essa questão como sendo uma das que mais contribui para a instabilidade nos casamentos. Nessa perspectiva, o branco, neste caso, o europeu, procura impor superioridade a todos os níveis, como dissemos no capítulo anterior, e um casamento entre estes e os negros africanos é visto como um atentado contra a hegemonia racial que o europeu supõe ter e, portanto, é uma vergonha que se deve evitar.

Ferrão prova este posicionamento a partir desta passagem textual: “Calizeni era membro de uma das poderosas famílias feudais afro-portuguesa no vale do Nsenga. Obedecendo às regras seculares, ele apenas se poderia casar com uma mulher pertencente a outra família feudal e da mesma tribo. Com o mesmo status social [...]” (FERRÃO, 2004, p. 61). Por essa razão, várias manobras foram arquitetadas pela família de Calizeni para frustrar o seu casamento intercultural, são práticas que incluíam ameaças ao deserdamento, caso ele se casasse com Makuve.

Amar sobre um leito de preconceito é uma obra com variadas abordagens, desde a exaltação da africanidade por via das tradições locais até às questões raciais. Para a melhor descrição de conflitos resultantes do convívio multicultural, Ferrão abre um capítulo intitulado “Choque de cultura”, onde deixa ficar as emoções sentidas pelos personagens face a esse dicotômico encontro. O que se lê no trecho abaixo é exemplo disso:

[...] Makuve e Calizeni de mala e cuia. Vinham, como prometeram, assistir ao nascimento do primeiro filho de Ndawa e Risto. Ndawa estava feliz em rever os seus novamente e tê-los por algum tempo com ela. Mas para Risto a situação se complicava. Faltavam ainda três semanas para o previsto nascimento da criança. Para ele os sogros chegavam muito cedo e conseqüentemente teriam que ficar por muito mais dias. Na cultura dele, visitas eram como peixe, depois de três dias começavam a cheirar mal. [...] Contrariamente à europeia, em África as visitas são sempre bem-

vindas, nem que sejam por um, dois ou três meses. Mas certamente, em casa de Risto e Ndawa este costume não seria usual. As portas não estavam abertas como em casa dos pais de Ndawa. Mas também não estavam fechadas. Era preciso avisar que se vinha ou então ser convidado. Estes eram princípios de Risto. Não queria que o lar deles se transformasse numa pensão (FERRÃO, 2004, p. 61).

Coincidentemente, anos mais tarde, Ndawa, a filha de Makuve, passa por tratamento similar, após anos de casado com Risto:

[...] Mal o jantar se iniciou, a mãe do Risto tomava a palavra na dianteira [...] Começou por recriminar o filho de ter escolhido uma mulher que só causava problemas. Uma mulher de raça e cultura diferentes. Que as crianças teriam uma educação vergonhosa. E, ainda por cima, estava grávida novamente. [...] É o que dá casar com pessoas de nível diferente por isso eu sempre quis o melhor para o meu filho [...] Que preferia que o filho se tivesse casado com uma mulher de uma esquina qualquer do país deles, em vez daquela preta. Uma preta que só traz vergonha a família (FERRÃO, 2004, pp. 135-147).

O conflito vivido no casamento de Ndawa e Risto revela, desde o início até ao fim da obra, o desafio de coabitação entre a tradição e a modernidade em Moçambique, palco de preconceitos raciais e culturais. Para a maior parte de pessoas de raça branca, de acordo com o que se descreve na obra, nunca se deveria confiar em negras. Diziam que as negras que casavam com homens brancos normalmente eram prostitutas, que os homens brancos as encontravam nas “boates”, nos bares ou nas ruas onde faziam o seu negócio. Achavam também que este tipo de relação não se alicerçava no amor, mas sim em interesses. A mãe de Risto era uma das pessoas que partilhava do tal preconceituoso pensamento.

O preconceito para com as pessoas de raça negra como Ndawa, por exemplo, manifestava-se em ofensas, humilhações, acusações, entre outros maus tractos. O nascimento de um filho tem sido razão de felicidade no seio familiar, contudo, no casamento alicerçado no mar de preconceito conta-se a excepção. Após o nascimento da Makuve-neta: “houve ainda alguém que teve o desplante de querer saber se, por acaso, houve troca de bebés no hospital. Porque aquela criança era muito branca para ser filha duma negra!” (FERRÃO, 2004, p. 101), Ndawa suportou isso e muito mais em nome do amor que a unia com o branco europeu.

A convivência entre esses dois fenómenos (tradição e modernidade) só pode ser saudável com base na tolerância e no saber lidar com a diferença. Com uma estética ainda mais enriquecida de prazer, o narrador encontra a hipérbole para acentuar a dor

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... causada pelos tratamentos desumanos a que os africanos eram sujeitos. Lemos na passagem seguinte esta exagerada mensagem: “Ndawa se mantinha calada com a sua alma fervendo e escutando sua mãe simultaneamente [...]” (FERRÃO, 2004, p. 102).

A literatura, para além de ser essa arte de imaginações com liberdade de navegação nos horizontes, ela é feita também de conhecimento universal que se pode chamar de objectos emigrados. Nesta obra, Ferrão considera a essência de História, ao recorrer ao passado perspectivando o futuro que se aguardava com esperança de dias melhores, insinuando a ideologia de que a memória é tida como factor de importância extrema para se viver um bom presente e com um futuro risonho. Encontramos esse pressuposto afixado no trecho a seguir:

- Sabias que os poderosos naqueles tempos eram ricos e donos de tudo, até de pessoas. Falo dos escravos. Tu estudaste História, certamente sabes o que acontecia com os escravos. Para além de constituírem um bom produto de alto valor para o comércio, os escravos praticavam todas as tarefas que os seus donos ordenassem. Serviam também de meios de transporte. Levavam de um lugar a outro, os seus donos empoeirados na machila (FERRÃO, 2004, p. 92).

Descreve-se, igualmente, nesta obra, o ambiente de precárias condições de vida passado pelos africanos no século XX, época caracterizada por guerras de dominação colonial, aliás, factor que contribuiu em maior escala para o empobrecimento ainda mais do povo que, antes, vinha caminhando a um ritmo de desenvolvimento muito lento em relação aos outros povos, permitindo que a estratificação continuasse a criar forte desequilíbrio social entre eles.

O país estava em guerra. A opção pelo sistema marxista-leninista, pelos senhores do poder na época, ganhou contornos incontroláveis. [...] “Os estruturas”, esses não tinham que passar o mesmo sacrifício que o cidadão comum. Eram donos do poder. Tinham o mundo a seus pés. Eles tinham as suas lojas, lojas para “estruturas”. Lá se encontrava de tudo um pouco, desde as bebidas alcoólicas até a manteiga e o leite importados. O cidadão comum já há muito que não sabia o que era leite, manteiga, pasta dentífricas. Os dentes passaram a ser lavados com raízes ou cinza [...] a corrente eléctrica tornou-se também outro bem escasso [...] os que possuíam geradores eram os “estruturas” e os “cooperantes”. Os últimos traziam consigo de seus países [...] estava-se em plena luta de subsistência [...] (FERRÃO, 2004, p. 24).

O narrador vai a um nível de linguagem mais popular, quando usa a palavra estrutura, que significa chefes ou pessoas de categoria social elevada, para mostrar a sua aproximação com a situação que se narra. Para tornar a obra mais prazerosa ainda e com vida ao leitor, o narrador socorre-se de palavras ou certas expressões no sentido de

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... simbologia. Tal criação se pode notar a partir do próprio título *Amar sobre um leito de preconceito*, que simboliza luta, desafio e obstáculos que, independentemente de vontade ou não, devem ser enfrentados por razões de necessidades. Percorrendo ainda as entranhas da obra, constatamos o simbolismo atribuído ao casal Risto e Ndawa, tendo como resultado da união marital a filha Makuve-Neta, esta, vai simbolizar a cultura mista consequente da influência que a cultura europeia teve para com a africana.

Nos últimos dois capítulos intitulados *A hora da redenção* e *O amor move montanha*, respectivamente, os personagens mais preconceituosos na história dos casamentos de Makuve e Calizen e da sua filha, Ndawa e Risto redimem-se e pedem perdão pelos impactos negativos criados nas vidas dos casais. Essa redenção representa a vitória da luta que, desde muito, foi levada a cabo devido às diferenças culturais e raciais. Assim se faz valer o sentido do conselho em *A vida é como o rio* e o sentido do nome do último capítulo, *O amor move montanha*. Das palavras da redentora Racina, lê-se:

- Ndawa! Hoje é um dia muito especial para mim. E é tudo graças a ti!- O que foi que eu fiz agora, avó? – [...] Tu me acordaste para a realidade! Me chamaste à razão! A nossa conversa doutro dia foi muito valiosa. Abriu os meus olhos sobre aquilo que eu nunca quis ver. [...] Eu fui muito injusta com a vossa mãe, com o meu filho e com vocês [...] (FERRÃO, 2004, p. 155).

Por outro lado, Ndawa ouvia as palavras de remorso que a sua mãe ouviu, mas, já vindas da sua sogra, a mãe de Risto:

“Só quero respeitar a vontade dos meus filhos. Acho também que devo aceitar as pessoas como elas são por mais que me custe. Dói-me muito o coração de o ver triste. Ndawa, volta para o meu filho. Faz isso por mim, por ti, por ele e pelas crianças” [...] (FERRÃO, 2004, p. 176).

Socorre-se predominantemente da comparação, como se pode ver no capítulo *A vida é como um rio* através da personagem Makuve para estabelecer a relação entre a perigosidade de um rio com o casamento intercultural a que nos referimos na análise:

- Minha filha! A vida é como um rio. Quando não tem corrente, tem crocodilos preparados para atacar. Por vezes as águas secam, mas a travessia contínua perigosa. Eu me meti nesse rio sem saber o que me esperava. Só nas profundezas desse rio, dei conta que estava em perigo. Não baixei os braços, aprendi a lutar contra as feras. Lutei pela minha família e por amor (FERRÃO, 2004, p. 24).

A comparação, mais do que ser um recurso com efeito estético, a sua aplicabilidade nesta composição literária torna-se inevitável quando o assunto é o conflito

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ... entre duas pessoas ou culturas, visto que é a figura que se encarrega de apresentar diferenças vistas como o centro de todos os confrontos na obra. Estes confrontos são ainda alimentados por emoções como egoísmo, orgulho e desprezo para o lado europeu, e angústia e tristeza sentidas por africanos. O narrador encontra nos sinais de pontuação, como pontos de exclamação e reticências, um meio para transparecer essas emoções:

A mãe de Risto continuava estarecida observando a Ndawa. Não era o que ela esperava ver. Ela vinha munida de alguma roupa para cobrir o corpo de Ndawa, pensando que ela viria de vestida de tanga feitas com base de casca de tronco das árvores e com o peito à mostra. Mas Ndawa vinha muito bem vestida [...] Trajava um facto de calça e casaco azul-escuro e uma blusa combinando. [...]. – Também já existe isso em África heim?! (FERRÃO, 2004, pp. 113-114).

A pergunta seguida por uma exclamação, feita por mãe de Risto à Ndawa, carrega um tom de desprezo que esta senhora europeia tem para com a África. Facto que vai criando dor, angústia e tristeza em Ndawa, em simbologia aos africanos na obra. Com a leitura da obra, percebe-se a intenção de Ferrão de transmitir aos povos oprimidos a mensagem de que, por mais que o racismo e outros males associados ocorram, causando impactos sem precedentes, é tudo uma questão de tempo. Sublinhando ainda a ideia de que nenhuma raça é capaz de se sobrepor à outra:

É problema deles, filha. Eles é que tem um problema. Não tu. Um dia, os que se acham superiores aos outros se renderão! Comeremos todos na mesma mesa e a mesma comida, com as mãos ou talheres. A minha mãe sempre me disse isto! Comigo aconteceu algo parecido, filha (FERRÃO, 2004, p. 102).

É um conselho da Makuve para sua filha Ndawa, que é lançado na obra com visão profética do que futuramente viria a acontecer neste continente das tradições. O tempo de que Makuve se referia no seu discurso não se distancia do atual vivido, em que África já caminha ao ritmo de desenvolvimento acelerado conjuntamente com os outros continentes. Nota-se em África, atualmente, a presença de pessoas de raça branca vindas de todo o canto do mundo, desfrutando das praias mais maravilhosas que Moçambique, particularmente, possui e de comidas tipicamente africanas, galvanizando, desta forma, o turismo interno. Relativamente à tradição, a recuperação de Makuve relaciona-se com a de identidade que se nota atualmente nas sociedades africanas, como resultado de intensificação da promoção de eventos culturais. Todos os africanos são chamados a ter essa esperança de um dia voltar a ter a sua identidade que ficou vilipendiada pelo contacto com a modernidade.

Num livro de 177 páginas, gravita a temática de apelo, persistência e determinação como armas poderosas para enfrentar qualquer obstáculo, segundo o adágio popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Esta temática justifica-se na vitória de Ndawa, como resultado da incessante luta pelo seu casamento. A autora escreve a obra motivada pelos efeitos de casamento de pessoas com culturas bastante distanciadas. Ferrão toma como fonte de inspiração a experiência de vivências e a miscigenação de diferentes valores culturais no país, como vem escrito na contra capa do livro.

Considerações finais

Conflito entre tradição e modernidade é um facto em África, sobretudo, em Moçambique, país caracterizado pela coabitação de muitas culturas e línguas. Ao percorrermos as entranhas de *Amar sobre um leito de preconceito*, constatamos que a tradição, a modernidade e as diferenças culturais geram conflitos quando uma cultura tida como a superior impõe submissão a outra tida como a inferior, constituindo, para esta última, uma ameaça à extinção. Antes que se choquem as culturas, choquem-se os propósitos. Em *Amar sobre um leito de preconceito*, Isabel Ferrão retrata uma realidade em que o povo moçambicano (dominado) luta para preservar as suas tradições deixadas como herança pelos seus antepassados, e o europeu (dominador) impõe ao nativo a seguir a cultura ocidental.

Relativamente à globalização, este fenómeno inicia nas viagens de descobertas e de comercialização, que tiveram um papel de extrema importância no alastramento da cultura ocidental no mundo. Atualmente, a globalização fortifica-se com o avanço das tecnologias de comunicação, que permite a rápida recepção de informação por via de imagens e sons nas comunidades moçambicanas mais recônditas, permitindo a interferência da cultura global com a cultura local. Esta interferência facilita, consequentemente, a emergência de identidades culturais híbridas em Moçambique.

Em *Amar sobre um leito de preconceito*, Ferrão, mais do que retratar a tensão na dicotomia tradição e modernidade, incentiva a mulher, considerada como sexo frágil pelo senso comum, a lutar pelos seus objetivos, e faz crer que a tenacidade vence obstáculos. Enfim, para que haja uma convivência harmoniosa entre a tradição e a modernidade em Moçambique e em outras partes do mundo, os homens devem ter tolerância e aprender a respeitar a diferença e a conviver com ela. O sentimento de superioridade ou inferioridade de culturas pode levar um povo a rejeitar a cultura do outro ou mesmo a rejeitar a sua própria cultura.

Referências

- Camilleti, G. G. (2007). **Modernidade e tradição esculpidas no barro**: uma reflexão da associação paneleiras de goiabeiras. Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2007.
- Domingues, J. M. (1998). Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social, Rev. Sociol.** São Paulo, vol.10, nº 2, p.209-234, out. 1998.
- Ferrão, I. (2004). **Amar sobre um leito de preconceito**. Maputo: Njira Editora.
- Giddens, A.(2007). **Mundo em descontrole**. 6.ed. Rio de Janeiro: Record.
- _____.(2000). **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença.
- _____.(1991).**As consequências da modernidade**. 5.ed. São Paulo:Ed. UNESP.
- Hall, S. (2004). **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Mindoso, A. V. (2017). **Os Assimilados de Moçambique**: Da situação colonial à experiência socialista. Tese. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- Mitjavila, M. R.; De Jesus, S. (2004). Globalização, modernidade e individualização social. **Revista Katálysis**. Florianópolis, vol.7, nº1, p.69-79, jan./jun.2004.
- Pedro, M.; Siquisse, A. (s/d). **Antropologia Cultural**. Maputo: Anilda Ibrahim Khan editora.
- Ribeiro, R.; Poeschl, G. (2013). Globalização e suas consequências: representações de estudantes e profissionais portugueses. **Psicologia e Saber Social**. Rio de Janeiro, vol.2, nº1, pp. 51-71.
- Rodrigues, A. D. (1996). **Tradição e modernidade**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Santos, R. R. dos. (2016). A vida de Voltaire, escrita por Condorcet, ou considerações sobre o papel do filósofo. **Cadernos de Filosofia Política**, Rio de Janeiro, n.29, p. 51-57.
- Silva, C. R. V. (2010). A influência da Globalização nas manifestações Culturais e o Diálogo Intercultural como uma Genuína Alternativa de Respeito à Diversidade e ao Multiculturalismo. In: **V Anuário Brasileiro de Direito Internacional**, v.2, pp. 19-35. São Paulo.
- Silva, E. A. da. (2011). Educação no meio rural em angola: tradição, (des)igualdade de género e cidadania. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: UFBA, 2011.

Bonete Júlio João Chaha, Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade ...

Siqueira, E. D (2000). **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Universidade Aberta do Brasil.

Tarouco, E. S. (2010). **O realismo animista e a literatura africana**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/43446> . Acesso em: 12 dez.2022.

Recebido em: 11/10/2022

Aceito em: 23/12/2022

Para citar este texto (ABNT): CHAHA, Bonete Júlio João. Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.92-110, jan.- jun. 2023.

Para citar este texto (APA): CHAHA, Bonete Júlio João (jan./jun.2023). Choque de civilizações: Confronto Tradição vs Modernidade em *Amar sobre um leito de preconceito*, de Isabel Ferrão. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (1): 92-110.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>